

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

ESPOROTRICOSE NO MUNICÍPIO DO RIO GRANDE

Autores: OLIVEIRA, Ana Luísa Santos de.; XAVIER, Melissa Orzechowski.;
SANCHOTENE, Karine Ortiz.; KLAFKE, Gabriel Baracy.
Orientadora: XAVIER, Melissa Orzechowski.
analuisasdeoliveira@gmail.com

Evento: Congresso de Iniciação Científica
Área do conhecimento: Ciências da Saúde

Palavras-chave: esporotricose; felinos; Rio Grande.

1 INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose subcutânea causada pelo fungo dimórfico *Sporothrix schenckii* e transmitida, com grande frequência nos últimos anos, através da arranhadura e/ou mordedura de gatos. Os casos zoonóticos da doença associados a ocorrências domésticas são cada vez mais frequentes, além de eles serem potenciais transmissores da infecção. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo retrospectivo dos casos de esporotricose felina diagnosticados no Laboratório de Micologia da FAMED-FURG no período de janeiro de 2010 a janeiro de 2014.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A esporotricose é uma micose subcutânea causada pelo fungo dimórfico *Sporothrix schenckii*, que tem como habitat o solo rico em matéria orgânica, vegetais, cascas de árvores e musgos. (XAVIER, 2004)

Essa infecção é adquirida a partir da inoculação do fungo através de um ponto traumático na pele. Na literatura, a ocorrência da doença é predominantemente associada à ocupação profissional, afetando pessoas que lidam com a terra, especialmente em áreas rurais. Porém, neste início de século, a ocorrência tem sido relacionada também à arranhadura e/ou mordedura de gatos, levando a surtos familiares, além de casos em profissionais que lidam com esses animais, como veterinários e auxiliares. (SILVA, 2012)

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Durante o período de 22 de janeiro de 2010 a 22 de janeiro de 2014, o laboratório recebeu 148 amostras clínicas de felinos com suspeita de esporotricose provenientes de Rio Grande. As amostras obtidas a partir de lesões presentes nos animais foram coletadas com swab estéril por médicos veterinários previamente cadastrados no laboratório e encaminhadas para o processamento no período máximo de 24 horas, juntamente com a requisição padrão para o exame micológico. Todas as amostras foram submetidas a exame micológico direto com coloração de Gram e cultivo em Ágar Sabouraud acrescido de Cloranfenicol e Mycosel e incubadas a 25°C por até 30 dias. Para a análise de dados foi utilizada análise estatística descritiva com auxílio do pacote estatístico SPSS, versão 13.0 para Windows.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A análise dos dados mostram que: das 148 amostras clínicas estudadas, 96 (≅64%) confirmaram o diagnóstico de esporotricose, sendo 36 delas (≅24%) positivas no exame

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

micológico direto e na cultura e 57 delas ($\cong 38\%$) positivas apenas no exame cultural. Além disso, 70 das amostras positivas ($\cong 72\%$) foram provenientes de diferentes bairros de Rio Grande, enquanto que outras 26 ($\cong 28\%$) vieram do Balneário Cassino. Em relação aos felinos, os quais foram coletadas as amostras, 98 deles ($\cong 66\%$) tinham acesso livre à rua e 80 deles ($\cong 54\%$) apresentavam lesões localizadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O elevado número de casos confirmados de esporotricose felina em Rio Grande salienta a necessidade do diagnóstico e tratamento adequados a fim de curar os felinos acometidos e resultando na redução da contaminação humana e transmissão para outros animais domésticos.

REFERÊNCIAS

XAVIER, M. O.; NOBRE, M. O.; JUNIOR, D. P. S.; ANTUNES, T. A.; NASCENTE, P. S.; SÓRIA, F. B. A.; MEIRELES, M. C. A. Esporotricose felina com envolvimento humano na cidade de Pelotas, RS, Brasil. *Ciência Rural*, Santa Maria, v.34, n.6, p. 1961-1963, nov-dez, 2004.

SILVA, M. B. T.; COSTA, M. M. M.; TORRES, C. C. S.; GALHARDO, M. C. G.; VALLE, A. C. F.; MAGALHÃES, M. A. F. M.; SABROZA, P. C.; OLIVEIRA, R. M. Esporotricose urbana: epidemia negligenciada no Rio de Janeiro, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.28, n. 10, p. 1867-1880, out, 2012.